

CLASSISMO NA ESCOLA

PROTOCOLO DE ATUAÇÃO E COMBATE



Observatório
Permanente dos
Preconceitos em
Escolas de
Sergipe



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe

Produção

Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES)

Apoio

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED)

Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPESE)

Organização

Iara Andrade de Oliveira (UFS)

Sara Santos Gomes da Silva (UFS)

Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)

Ruan Cardoso Santos (UFS)

Luiz Felipe Tavares Silva (UFS)

Matheus Lima Santana (UFS)

Dalila Xavier de França (UFS)

Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)

Comissão de Elaboração

Iara Andrade de Oliveira (UFS)

Sara Santos Gomes da Silva (UFS)

Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)

Ruan Cardoso Santos (UFS)

Luiz Felipe Tavares Silva (UFS)

Matheus Lima Santana (UFS)

Dalila Xavier de França (UFS)

Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)

Joana dos Santos (UFS)

Revisão Textual

Luciana Mariz

Fotografia da Capa

Tânia Rêgo

Ilustrações

Eustas Design

Zdenek Sasek

Fábio Cruz Mitidieri
GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

José Macedo Sobral
**VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
/ SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

Francisco Marcel Freire Resende
SECRETÁRIO EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

José Edson Costa dos Santos
SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Eliane Passos Santana
DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE APOIO AO SISTEMA EDUCACIONAL-DASE

Adriane Álvaro Damascena
CHEFE DO SERVIÇO DE PROJETOS ESCOLARES PARA OS DIREITOS HUMANOS

Pedro de Santana Santos
COORDENADOR DO PROGRAMA ACOLHER

DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

DRE 1 – Franz Russeberg da Silva Santos
DRE 2 – Daniela Santos da Silva
DRE 3 – Gadston dos Santos
DRE 4 – Handresha da Rocha Santos
DRE 5 – Elaine Silva Tomé
DRE 6 – Max Cardoso Silva
DRE 7 – Maria das Graças Albuquerque Melo
DRE 8 – Marleide Cruz de Araújo
DRE 9 – Antônio José de Santana
DEA – Gilvânia Guimarães dos Santos

EQUIPE TÉCNICA DO PROGRAMA ACOLHER

Ana Mércia Dantas da Silva Santana
Andressa Lílian Rodrigues de Oliveira
Elaine Araújo Canuto
Karinne Nascimento Silva
Lorena Maria Borges Silva
Marcus Vinícius Oliveira Santos
Nayane de Jesus Oliveira Silva Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Classismo na escola : protocolo de atuação e
combate [livro eletrônico] / organização
Observatório Permanente dos Preconceitos nas
Escolas de Sergipe (OPPES). --
São Cristóvão, SE : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários autores.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-40873-6

1. Diversidade social 2. Diversidade cultural
3. Preconceitos - Aspectos sociais 4. Psicologia
escolar I. Observatório Permanente dos Preconceitos
nas Escolas de Sergipe (OPPES).

25-263385

CDD-379.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Preconceitos na escola : Combate : Educação 379.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Apresentação

A cooperação entre a Universidade Federal de Sergipe e a Secretaria de Estado da Educação (SEED) é de fundamental importância para subsidiar e compreender as políticas públicas, a partir de dados oriundos das pesquisas acadêmicas. O material pedagógico apresentado a seguir, sob a forma de 7 (sete) protocolos que concernem às principais modalidades de violências e violações praticadas e percebidas na comunidade escolar – racismo, sexismo, LGBTfobia, classismo, intolerância religiosa; capacitismo; bullying e cyberbullying; – são o produto de uma rigorosa pesquisa fruto do Observatório das Violências e Conflitos Sociais na Rede Estadual de Ensino de Sergipe: Ações de Prevenção e Controle (UFS), a partir do diagnóstico da incidência dessas violências e violações em uma amostra representativa dos estudantes em 10 (dez) escolas circunscritas nas Diretorias Regionais de Educação do Estado de Sergipe.

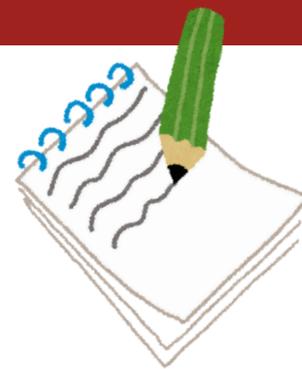
Os protocolos apresentados servirão de embasamento técnico para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências nas 10 (dez) unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de Sergipe, orientando os profissionais que acompanharão os estudantes nas ações de prevenção e enfrentamento a essas modalidades de violência.

Cabe destacar que a SEED, por meio da Portaria nº 3625/2020, implementou a política de Promoção de Paz nas Unidades Escolares, considerando o crescente e notório aumento dos índices de violência no ambiente escolar, a necessidade da promoção de um espaço de acolhimento e cuidados, da difusão de práticas que estimulem a sensação de pertença dos estudantes, e do estímulo contínuo ao desenvolvimento integral de suas potencialidades.

Dentre as diretrizes da mencionada Portaria destaca-se a importância do estabelecimento de parcerias entre a escola e as Instituições de Ensino Superior (IES), para ações de colaboração na formulação de estratégias que visam a implementação da política da paz, observadas as diretrizes da SEED. Assim, compreende-se que as estratégias de intervenção indicadas nos protocolos elaborados pela equipe do Observatório deverão contribuir para a melhoria do clima escolar, na perspectiva da promoção da cultura de paz e não violência.

Ademais, o convênio celebrado entre os Departamentos de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a SEED buscará expandir o escopo das ações de formação continuada da equipe técnica que compõe o Programa de Acolhimento Psicossocial nas Escolas Estaduais de Sergipe (Programa Acolher) e demais profissionais da escola pública, bem como atingir um maior número de unidades escolares, além daquelas que foram inicialmente designadas como escolas-piloto para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências e Conflitos Sociais.

Sumário



1	Introdução	7
2	O que é classismo?	8
3	Quais as principais formas de expressão do classismo?	10
4	Como o classismo é reproduzido na escola?	13
5	Quais os impactos do classismo?	15
6	A função da escola no combate ao classismo	18
7	O papel do(a) professor(a)	20
8	O papel da gestão escolar	22
9	O papel da família	24
10	O papel da psicologia escolar	26
11	Uma situação de classismo ocorreu na minha escola. Como posso lidar com isso?	27
12	Como combater o classismo na escola: intervenções e indicações de materiais	34
13	Canais de denúncia	41
14	Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola	42
15	Referências	44

1. Introdução

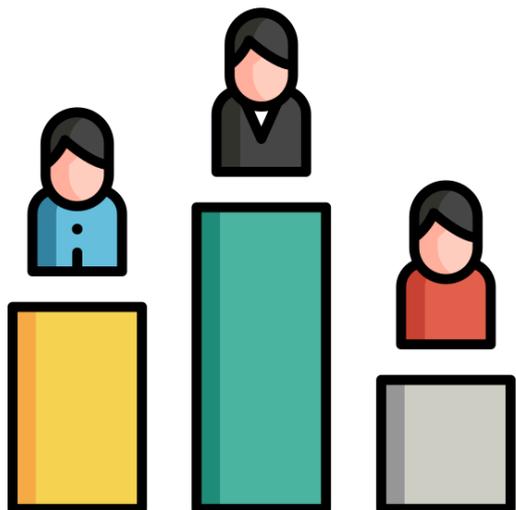
- O classismo é um fenômeno presente e recorrente no ambiente escolar, gerando um mal-estar que compromete a dinâmica de toda a comunidade escolar. Trata-se de uma forma de preconceito que deixa marcas profundas, afetando o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças e jovens envolvidos. Para que a escola seja um espaço seguro, respeitoso e que valoriza a diversidade, é essencial atuar no enfrentamento do classismo e preparar os estudantes para construir uma sociedade mais justa e igualitária.
- Este protocolo foi desenvolvido no âmbito do Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES) e surge da urgente necessidade de criar estratégias para enfrentar e combater o classismo nos ambientes escolares. Contudo, esse enfrentamento exige compromisso coletivo das escolas, famílias e sociedade, na construção de uma cultura escolar de respeito e inclusão. Combater o classismo, é fundamental para que as escolas sejam, de fato, um espaço onde todos possam se desenvolver de forma plena. Este material visa fornecer uma maior compreensão sobre o tema, bem como estratégias práticas para reconhecer e enfrentar a problemática.
- Neste material, apresentamos o conceito de classismo, suas principais formas de expressão no ambiente escolar e fora dele, bem como os impactos desse fenômeno na saúde mental e na aprendizagem escolar dos estudantes, destacando a urgente necessidade de intervenção. O combate ao classismo exige compromisso, conhecimento e ação conjunta de toda a comunidade escolar. Por isso, neste protocolo, são apresentados os papéis dos atores escolares para a enfrentamento ao classismo. Além disso, apresentamos políticas e práticas interventivas que podem ser implementadas pelos profissionais da escola para combater às violências, bem como discutimos maneiras pelas quais os pais e os responsáveis podem colaborar com a escola para garantir um ambiente seguro e respeitoso para todos os estudantes.

2. O que é classismo?

Estudos mostram que **pessoas em situação de pobreza** ou que recebem auxílio governamental são frequentemente **rotuladas** como **preguiçosas, dependentes e desonestas** [4][5]. Esse exemplo ilustra como, muitas vezes, **pessoas de determinadas classes sociais**, especialmente as mais pobres, **são discriminadas apenas por pertencerem a essas classes**. Esse comportamento pode ser relacionado com um tipo específico de preconceito chamado **classismo**.

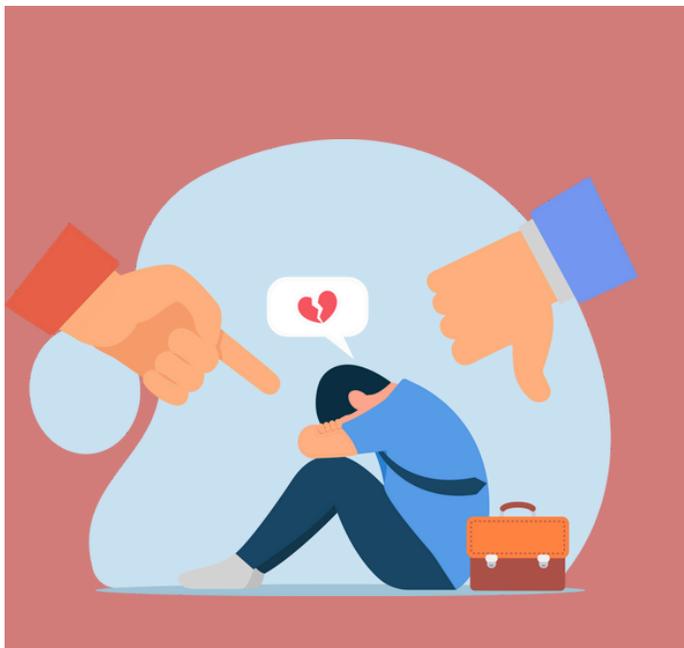


O **classismo** é o **preconceito e a discriminação baseados em classes sociais** (como ricos, classe média e pessoas em situação de pobreza). Esse tipo de preconceito mostra como pessoas de diferentes classes sociais podem ter **atitudes negativas** umas com as outras **apenas por pertencerem a classes diferentes**.



Essas atitudes incluem **distanciamento, exclusão, desvalorização e a formação de estereótipos**, e podem estar presentes na maneira **como as pessoas pensam, como as instituições agem e como as pessoas se relacionam** [5] [28].

O classismo possui **várias formas**. Pode ser **descendente**, quando é direcionado aqueles percebidos como de uma classe social inferior, ou **ascendente**, quando é dirigido a aqueles percebidos como de uma classe social superior, entre outras variações. Entretanto, **o classismo descendente**, também **definido como preconceito com pessoas pobres**, têm características e implicações específicas, uma vez que, **as pessoas em classes sociais mais altas possuem poder social para discriminar as outras classes** [27] [28]].



Esse tipo de preconceito pode se **manifestar de diferentes maneiras**. As atitudes preconceituosas podem ser **hostis**, ou seja, explicitamente negativas e com a **intenção de insultar**, como dizer que as pessoas em situação de pobreza são preguiçosas.

Porém, **o classismo também pode ser benevolente**, superficialmente positivo, **mas que coloca as pessoas em situação de pobreza em um lugar de inferioridade**, como afirmar que as pessoas em situação de pobreza deveriam ser constantemente orientadas sobre suas ações [21].

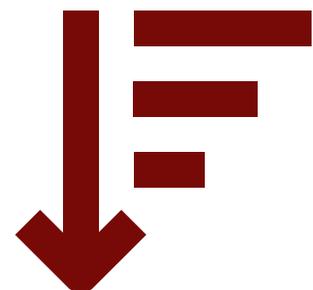


3. Quais as principais formas de expressão do classismo?

O classismo é uma construção **multifacetada e complexa**, toda a hierarquia social parece ser impactada pelos pressupostos de classe. Esse fenômeno pode **manifestar-se de diversas maneiras**, e compreender suas nuances e diferenças é essencial para uma análise completa. Aqui serão apresentadas formas diferentes que ele pode ser manifesto tanto considerando o grupo alvo, classismo **descendente, ascendente e lateral**, como a forma pela qual se expressa, classismo **hostil e benevolente**.

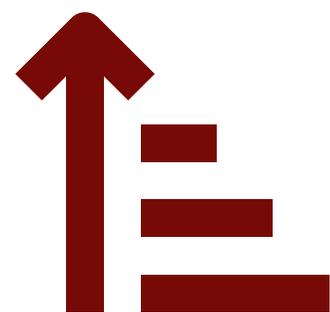
Classismo descendente

É o preconceito direcionado **às pessoas de classes sociais mais baixas que se manifesta**, por exemplo, em se acreditar que elas são preguiçosas ou menos capazes. Essa forma de classismo é a **mais comum** e que provoca mais danos para as pessoas que sofrem com essa forma de preconceito [11] [27] [28].



Classismo ascendente

Diz respeito às suposições em relação aos **indivíduos de classes mais abastadas que se manifestam**, por exemplo, quando se considera que eles são moralmente corruptos ou gananciosos. É importante considerar que os indivíduos de classes menos favorecidas não possuem o mesmo poder social que aqueles mais privilegiados. Embora possam ter preconceitos, não têm meios políticos e sociais para apoiar instituições e práticas que discriminem os mais poderosos [11].



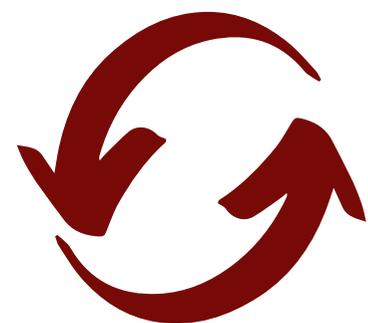
Classismo lateral

É o preconceito dirigido aos indivíduos percebidos como pertencentes ao **mesmo grupo de classe que se manifesta**, por exemplo, quando se alega que alguém **não se enquadra nas expectativas de seu próprio grupo social** ou se apontam suas incongruências com o padrão do grupo [11].



Classismo internalizado

Refere-se às suposições e mitos classistas que o indivíduo nutre sobre **si próprio**, resultando em uma sensação de incapacidade com relação a manter sua posição atual, o que gera ansiedade e angústia. Enquanto os 3 primeiros tipos de classismo são presenciados e vividos nas relações interpessoais, o classismo internalizado diz respeito a uma **experiência intrapsíquica** [11].



É importante ressaltar que esses diferentes modos de classismo **não ocorrem necessariamente entre pessoas de classes sociais distintas, podem ocorrer também entre indivíduos considerados da mesma classe social**. Dentro de um grupo pertencente à mesma classe, **uma pessoa pode ser percebida como estando em uma classe social superior ou inferior** [26]. Por exemplo, em uma escola pública onde os alunos vivem no mesmo bairro e frequentam os mesmos espaços, um aluno pode ser visto como pertencente a uma classe social mais alta devido ao trabalho de seus pais em uma empresa ou em uma função que aparentemente está associada a uma classe social superior.

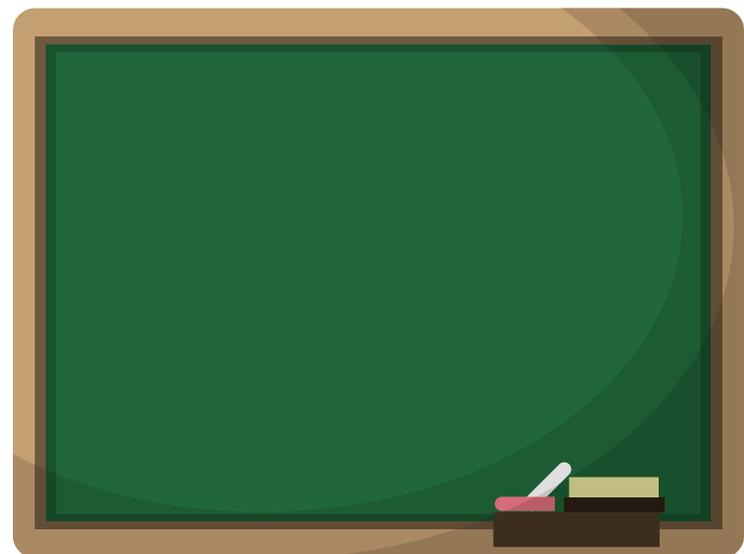
Assim, embora estudos indiquem que os efeitos do classismo descendente são mais devastadores e provocam maior adoecimento da saúde mental, **é importante perceber também a existência dos classismos ascendentes e laterais que podem contribuir com a manutenção de preconceito contra pessoas mais empobrecidas.** Assim, ressalta-se que embora diferentes formas de classismo sejam identificadas, pessoas que pertencem à classes sociais mais baixas não têm o mesmo poder que pessoas de classe social mais elevadas para marginalizar e discriminar pessoas ricas, como ocorre de forma inversa com uso do poder social feito por meio de com relações políticas e institucionais [11] [25], **portanto, esse será o nosso foco neste protocolo.**

Além dos diferentes grupos que podem ser alvo do classismo, **existem diferentes maneiras pelas quais ele se manifesta,** aqui considerando sobretudo o classismo descendente. Nesse sentido, o classismo pode apresentar-se de forma **ambivalente**, possuindo aspectos de **hostilidade**, quando a hostilidade explícita é expressa, e de **benevolência**, uma forma de demonstrar preconceito de forma relacionada ao cuidado e atenção, uma maneira pseudopositiva [21].

A **benevolência** pode se manifestar em três aspectos: **(1) paternalismo, (2) diferenciação de classe e (3) interdependência.** Apesar da denominação de benevolência, os três aspectos **continuam de forma contundente para a manutenção do classismo.** O **paternalismo** pode estar associado à crença de que as pessoas pobres não possuem capacidade de cuidar de si e de seus recursos e que as pessoas com recursos deveriam tutorá-las ou cuidar delas. **A diferenciação de classe** relaciona-se a uma percepção de que as pessoas pobres são menos inteligentes e capazes que as pessoas não-pobres, o que permite explicar a pobreza a partir da falta de ambição e competência dos pobres, os quais seriam, ainda assim, felizes e amigáveis. **A interdependência** é associada ao fato de que as pessoas não-pobres se beneficiam das pessoas pobres e que uma classe não existiria sem a outra [21].

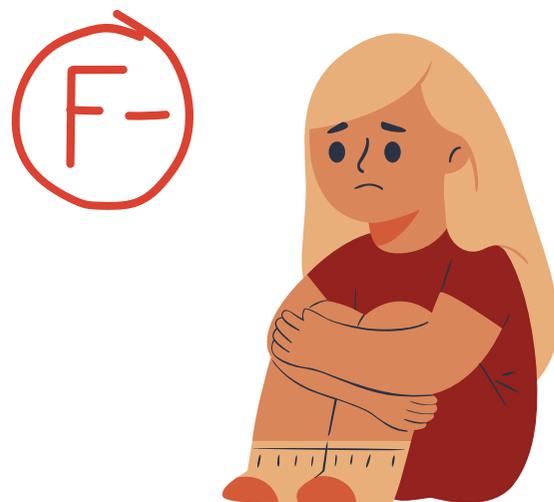
4. Como o classismo é reproduzido na escola?

Ao pensarmos o **classismo na escola**, consideramos que este fenômeno pode se perpetuar no ambiente através de uma série de atitudes e práticas que contribuem para o **tratamento desigual** entre os alunos da instituição, **baseadas nos quesitos econômicos**. Tendo em vista que o classismo é uma forma de preconceito e discriminação que sustenta a desigualdade na sociedade brasileira, dentro das escolas não é diferente, uma vez que ele gera **impactos na educação dos alunos e nas oportunidades dos alunos de famílias com menor poder aquisitivo**. A exemplo da disponibilidade de recursos como uma boa infraestrutura, materiais didáticos e tecnológicos, em escolas de áreas mais pobres, existe uma limitação ou até mesmo escassez desses recursos.



A **falta de acesso ao conhecimento e atividades culturais** dentro e fora da escola também é exemplo que **contrasta com as experiências oferecidas por escolas de classes mais altas**, o que provoca uma desvantagem em oportunidades futuras como na continuidade dos estudos no ensino superior e mercado de trabalho [7]. Contribuindo para este cenário desigual, **os professores e gestores podem adotar uma postura perante os alunos com base em sua classe social**, como subestimar o desempenho acadêmico e competência dos alunos de classes mais baixas. Ou ainda ter uma expectativa de que os alunos mais pobres tenha alto nível de desempenho e seja assíduo nas aulas tanto quanto aqueles que vivem uma realidade com menos privações socioeconômicas.

Esses fatores contribuem para o tratamento desigual dos estudantes, a discriminação, restringindo espaços e **resultando na desigualdade da educação nas diferentes fases de escolarização [35]**. De tal forma, pode-se entender que ter bom desempenho escolar e uma educação de qualidade são desafios maiores para os alunos pobres [22].



Visto isso, é possível refletir que **esses desafios são reflexo de desigualdades sistêmicas do Brasil** e que apenas corroboram para a exclusão e preconceito. Adotar uma postura de **enfrentamento e combate às manifestações de discriminação pela condição ou classe econômica** é uma atitude imprescindível para a escola.

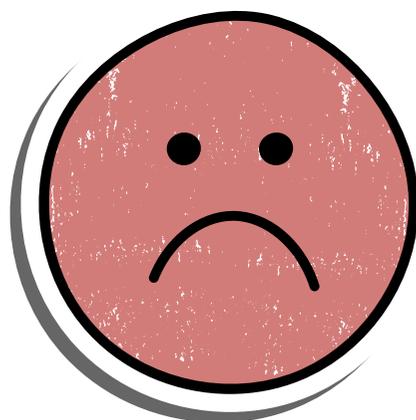
**Educação sem preconceito: aqui,
todas as vozes têm valor!**

5. Quais os impactos do classismo?

Em uma sociedade capitalista, a percepção econômica e a percepção de classe social estão relacionadas às atitudes das pessoas em relação às diferentes classes sociais. Essa dinâmica afeta os relacionamentos interpessoais em todos os grupos de classes sociais, perpetuando preconceitos e desigualdades [3].

Diferentes estudos apresentam o impacto do classismo na saúde mental das pessoas, como **estresse, ansiedade e pior bem-estar** [2] [10] [18], especialmente entre os grupos economicamente marginalizados.

Pesquisas realizadas especificamente com pessoas em situação de pobreza no Brasil [32] [33] [34] também revelaram que a percepção dessas pessoas acerca da discriminação sofrida possui relação com **bem-estar, autoestima e vulnerabilidade física e psicológica**.

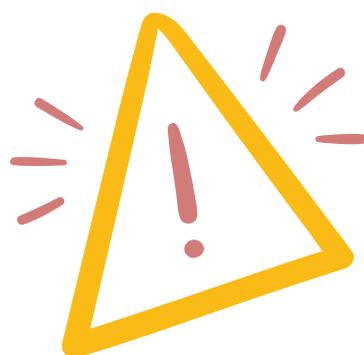


Além disso, as experiências de classismo também estão relacionadas com atitudes negativas no que diz respeito à **busca de cuidados**. As interações sociais podem estar relacionadas a uma redução da busca de aconselhamento, o que pode aumentar o sofrimento psicológico entre aqueles que mais precisam [11]. Ademais, o classismo também influencia a forma como os indivíduos são tratados em diversos contextos.

O tratamento de desprezo direcionado às pessoas pobres dificulta o acesso aos **direitos básicos** que deveriam ser direcionado à todos os cidadãos, tais como **educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, previdência social e assistência aos desamparados** [13] [1].

✦ Na **saúde**, por exemplo, existem casos de pacientes de baixa renda com dor crônica que receberam menor cuidado no manejo da dor por enfermeiros que apresentavam uma visão desumanizada dessas pessoas [16].

✦ Na **segurança**, essa realidade perpassa situações como aumento da violência verbal e física, criminalização da pobreza; em geral pessoas pobres, de periferias e favelas são os alvos frequentes dessa criminalização.



A criminalização da pobreza ocorre quando as políticas de segurança pública são voltadas exclusivamente para o combate ao crime e à violência, sem levar em consideração as questões socioeconômicas e estruturais que levam ao surgimento do criminalidade [23].

A manutenção das desigualdades de classe também é reforçada por crenças benevolentes em relação aos pobres, que podem mascarar o classismo e possuem como efeito a perpetuação do classismo de forma menos perceptível [21].

→ Embora o classismo ascendente e lateral também possam afetar a saúde mental, o status social mais elevado serve como um amortecedor contra os efeitos adversos, devido ao maior acesso a recursos e menores barreiras ao engajamento político e social.

Essa diferença destaca como o classismo impacta de maneira desigual diferentes estratos sociais.



6. A função da escola no combate ao classismo

A escola desempenha um papel marcante no desenvolvimento do indivíduo desde os seus primeiros anos de vida. No ambiente escolar, há oportunidades de aprendizagem, vivências socioculturais e socialização que contribuem para a formação de valores e normas sociais, que não se limitam a esse contexto [29].

Dado o grande impacto que a instituição exerce na vida acadêmica dos estudantes, a atuação no combate ao classismo para a promoção de igualdade e educação para todos é muito importante.



Para tal, é necessário que a escola conheça melhor o fenômeno do classismo, compreendendo que a pobreza está em dimensões para o desenvolvimento humano de uma sociedade e a educação é uma delas. Assim, é fundamental a promoção de uma cultura escolar mais igualitária e que abrace todo o entorno.

Assim, é necessário:

- ✦ Fornecer infraestrutura adequada e acessível;
 - ✦ Atividades extracurriculares e culturais para todos;
 - ✦ Cursos de formação contínua para os professores, para que possam ampliar o conhecimento e elaborar estratégias pedagógicas que incluam práticas educativas sobre classismo e diversidade socioeconômica.
- Trabalhar nesse sentido contribui para promoção do desenvolvimento dos estudantes, como cidadãos que futuramente estarão inclusos no mercado de trabalho.
- Garantindo também, o respeito às diversidades, a liberdade de aprender, e condições para o acesso e permanência na escola (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, 1996)

Para que isso ocorra, o currículo escolar deve trazer novas perspectivas sobre as diferenças sociais e a pobreza em si, a fim de que os alunos possam refletir sobre esses aspectos em suas vidas e, juntos à instituição e família, serem agentes transformadores. Adotar políticas contra a discriminação também pode contribuir para a segurança e melhor convivência entre todos que compõem a escola.

7. O papel do(a) professor(a)

Os **professores**, são verdadeiros **agentes de transformação social**, capazes de influenciar o desenvolvimento intelectual e moral dos alunos [17]. Todos eles possuem papel importante na prática de **combate ao classismo** e às diversas formas de opressão, a partir do reconhecimento desse tipo de prática e de uma atitude desafiadora [20].

É necessário que eles reconheçam seus próprios preconceitos e reflitam de maneira crítica se já tiveram atitudes classistas tanto na escola com os estudantes, quanto fora dela com demais pessoas e outros grupos sociais. Isso se trata de um **trabalho pessoal contínuo** que também contribui para o **desenvolvimento profissional**.

→ A relação entre professor e aluno deve ser baseada no **respeito mútuo** e em uma **comunicação efetiva**. Esse é um fator essencial e cabe ao professor, que, em seu papel, deve atuar como um **facilitador** no processo educativo



Dessa forma, é papel do professor:

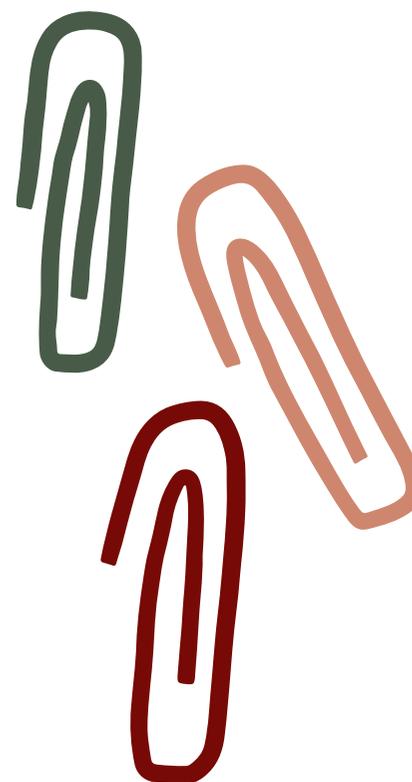


- ✦ Além de transmitir conhecimento, ele incentiva a participação ativa e cria um **ambiente seguro** para o desenvolvimento dos alunos [31])
 - ✦ **Educação inclusiva:** Estratégias pedagógicas devem promover um ambiente mais justo e acessível a todos os alunos.
 - ✦ **Enfrentamento do classismo:** É essencial adotar estratégias interventivas para combater desigualdades dentro da escola e construir um espaço mais equitativo [36].
- Construção de um espaço educacional mais diverso e igualitário.

○ **combate** ao **classismo** na escola exige **ações concretas** para garantir **equidade** e **valorização** da **diversidade**.

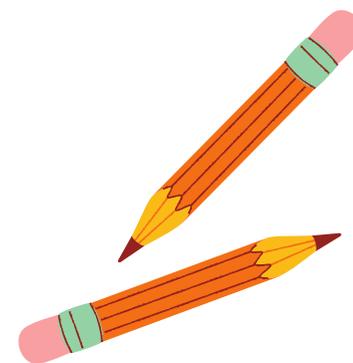
8. O papel da gestão escolar

- A **gestão escolar** deve ser analisada como um todo, pois o **combate** ao **classismo** está intrinsecamente ligado ao seu funcionamento.
- O **Plano Político Pedagógico (PPP)** deve ter clareza nos princípios teóricos e práticos, definindo a **sociedade** e a **educação** desejadas, com base em uma gestão **democrática** e **participativa** [4] [30].



Elementos Essenciais de uma Gestão Democrática:

- ✦ Definição clara de objetivos sociopolíticos e pedagógicos
- ✦ Equilíbrio entre tarefas e relações interpessoais
- ✦ Avaliação constante das ações
- ✦ Articulação e participação da comunidade escolar



→ A **superação do classismo** na escola exige uma **ação coletiva**

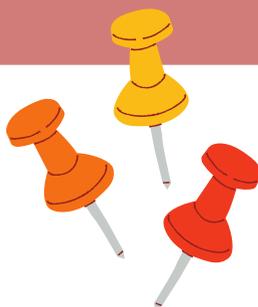


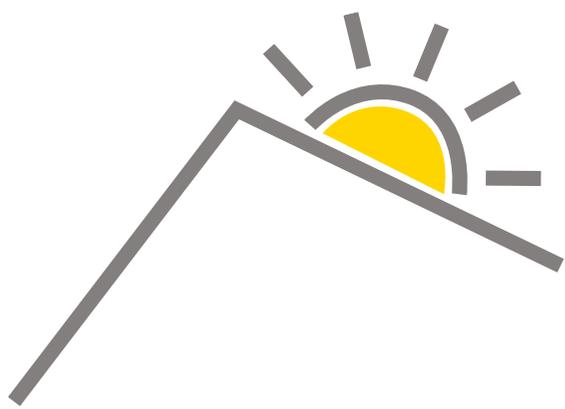
→ A **gestão escolar** deve atuar com **compromisso ético**, afirmando a cidadania e **promovendo a inclusão social**, respeitando a **autonomia** e dignidade de todos [17].

→ Criar um **ambiente educativo inclusivo** é essencial para **combater o classismo**, promovendo **respeito e equidade**.

→ É essencial que os gestores escolares aprimorem seus conhecimentos e promovam discussões sobre desigualdade social entre estudantes, professores e toda a comunidade escolar.

A **gestão escolar** pode desempenhar um papel crucial na **promoção** de um ambiente educativo **inclusivo** e na luta contra o classismo nas escolas, incentivando a **inclusão** e o **respeito** de forma comprometida com a **equidade** e a **justiça social**.





9. O papel da família

- É comum que as pessoas se comportem de forma parecida com aquela de sua classe social. Assim, muitas vezes, as pessoas querem ter e fazer as mesmas coisas que seus amigos e vizinhos, como ter certos objetos ou frequentar certos lugares. Quando alguém sente que precisa ter coisas novas, como um carro ou uma casa maior, para se encaixar na sua classe social, pode sentir-se pressionado a conseguir essas coisas.

Cada comunidade tem suas próprias expectativas e valores, chamamos isso de "**cultura econômica**".

- Por exemplo, em uma comunidade, pode ser muito importante ter certas roupas ou frequentar certas escolas; em outras, pode ser mais importante ter uma casa própria ou um carro novo. A cultura econômica, portanto, é definida pelo **lugar onde você mora, estuda ou trabalha**. E em cada um desses espaços, as pessoas podem sentir **pressões diferentes**, como a de manter uma aparência física específica ou alcançar determinado status econômico.
- Quando uma pessoa passa a frequentar comunidades e espaços diferentes dos seus de origem pode sentir **culpa, raiva, stress e auto-ódio** [25] [37].

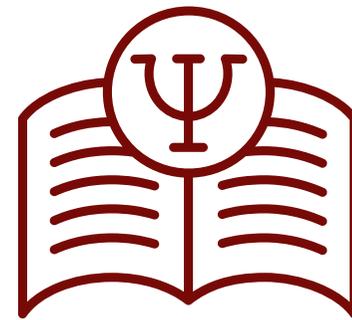
→ Assim, a família pode ter um papel importante de apoio na prevenção desse tipo de sentimento, trabalhando a **socialização** de classe social, o **estilo de comunicação** e os **valores** específicos da classe.

Algumas **ações** que podem ser realizadas pela família:

- ◆ conversar sobre como o classismo pode afetar nossas vidas;
- ◆ valorizar as diferenças entre as pessoas a fim de reduzir preconceitos e promover empatia;
- ◆ incentivar ações relacionadas ao desenvolvimento pessoal e não apenas em relação a posses materiais, como, por exemplo, habilidades, educação e relacionamentos saudáveis;
- ◆ estabelecer conexões com outras famílias da escola ou da comunidade para trocar experiências e apoio;
- ◆ e participar de atividades escolares, quando possível, e se envolver na comunidade escolar, como, por exemplo, incluir a organização de eventos que celebram a diversidade, criar grupos de apoio e outras ações que ajudem a promover iniciativas que combatam o classismo.

Todas essas ações estão relacionadas a construção de uma **consciência de classe**, que envolve compreender o papel da classe social em nossas vidas e no mundo, entendendo a existência de injustiças sociais e a possibilidade de lutas coletivas e ações individuais de enfrentamento [26] [37].

10. O papel da Psicologia Escolar



Uma parte crucial do trabalho da psicologia escolar é identificar **manifestações de violência** e desenvolver estratégias para enfrentá-las, sendo o classismo uma delas.

Ouvir os estudantes é essencial para entender suas experiências e planejar ações preventivas, integradas ao projeto político pedagógico da escola.

Segundo a Resolução CFP n. 23, de 2022, os profissionais da psicologia escolar têm o papel de confrontar preconceitos e violências, orientando a equipe escolar na promoção de ações que fomentem a **integração entre família, alunos e escola**, além de promover a **superação de estigmas** que possam prejudicar o desempenho escolar

- A(o) psicóloga(o) escolar deve implementar intervenções em parceria com as equipes escolares, visando alcançar objetivos educacionais e promover a qualidade de vida na comunidade escolar.
- Sua atuação se diferencia da psicologia clínica, que foca em atendimentos para prevenção e tratamento de saúde mental em diversos contextos.

- Além disso, o profissional deve colaborar e atuar em conjunto com a **Rede de Proteção Social da Criança e do Adolescente** (SUAS, SUS, Segurança Pública, Conselho Tutelar e o Sistema de Justiça) e em parceria com a família e/ou os responsáveis pela criança ou adolescente [12] [15] [19].

Para tanto, sobretudo para atuar na prevenção e no combate ao classismo, é necessário **questionar** processos, práticas, ideologias e questões políticas que contribuem para a exclusão e o fracasso escolar de grupos socioeconômicos e culturais marginalizados.

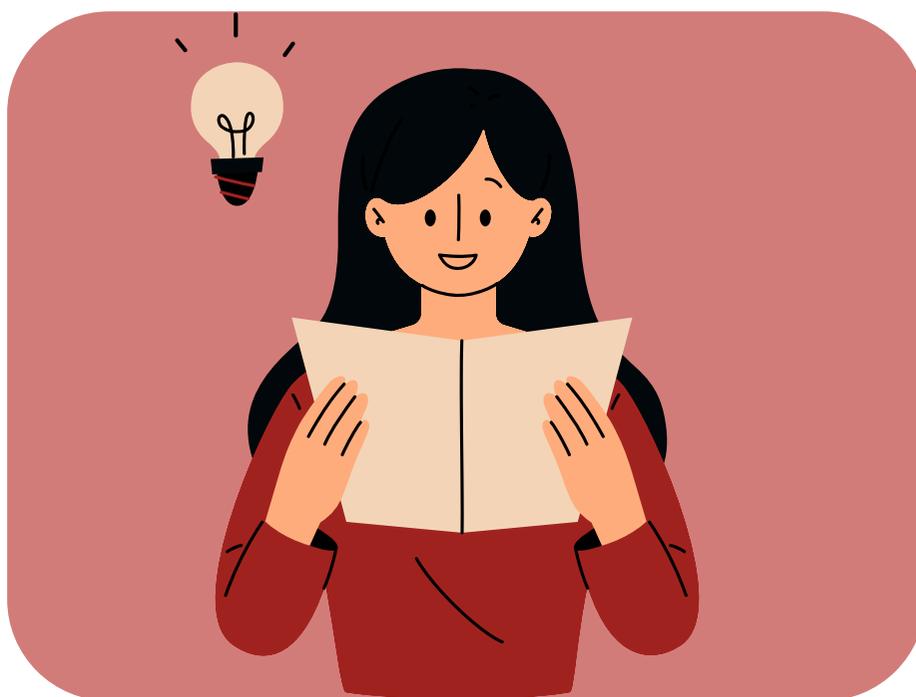


- Dessa forma, a(o) psicóloga(o) inserida(o) na escola deve realizar intervenções amplas e contextualizadas que considerem **fatores históricos, sociais, políticos e econômicos** e que envolvam a comunidade escolar.
- A **compreensão das políticas educacionais e das dinâmicas do território** é fundamental para ações de prevenção, que devem incluir tanto os estudantes quanto a equipe escolar, promovendo discussões sobre temas relevantes para a educação e a psicologia.

- Além disso, é crucial que a psicóloga utilize seu **conhecimento científico** específico da área, encaminhando casos para outros serviços quando necessário [12] [15] [19].

De forma específica em relação ao classismo, é essencial que a profissional **conheça o assunto e a maneira como este se operacionaliza** para intervir de acordo com o contexto e os paradigmas dessa forma de preconceito. Para isso, a leitura deste protocolo pode ser um bom início, mas não deve parar por aqui.

- Além de estudar sobre o classismo, é importante compreender forma de atuação em contextos específicos: a APA (2019) produziu um guia para prática psicológica com pessoas em situação de vulnerabilidade social nomeado como **Guidelines for Psychological Practice for People with Low-Income and Economic Marginalization**.



11. Uma situação de classismo ocorreu na minha escola. Como posso lidar com isso?

Lidar com situações de classismo costuma ser um desafio para muitos professores e demais membros da escola. Ocorrências de discriminação não devem ser ignoradas e é nosso papel agir diante delas. Abaixo reunimos dez orientações sobre o que fazer diante desses episódios.

1) Ouvir os envolvidos e acolher as vítimas:

A primeira ação a ser tomada é **escutar separadamente** os envolvidos na situação, as possíveis vítimas, os agressores e as testemunhas:

- ✦ Diante de uma experiência de discriminação, é primordial fornecer **escuta, acolhimento e apoio** às vítimas da agressão. Procure proteger a vítima e demonstrar apoio e empatia frente ao sofrimento atrelado a essa situação, para que ela se sinta protegida e segura e possa expressar seus sentimentos sem medo de retaliação e julgamento. É importante que essa escuta seja em um lugar calmo e privado que ofereça sigilo e segurança para a vítima. Mesmo que o episódio de discriminação não tenha sido presenciado por você é importante **chamar os envolvidos**, demonstrar interesse em ouvi-los e acolher a vítima.

- ✦ É fundamental **conversar com os agressores**. Ouvir os agressores é importante para compreender a raiz do problema e conscientizá-los sobre os danos causados pelo seu comportamento, bem como para adotar medidas educativas a fim de prevenir ocorrências futuras de violência. É importante que fique claro para eles o posicionamento da escola frente às situações de discriminação, a gravidade de comportamentos como esses e as consequências previstas.
- ✦ Além de acolher as vítimas e ouvir os agressores, é necessário um olhar cuidadoso para as **testemunhas da violência**, que podem ter sido impactadas emocionalmente e podem esconder informações por temer retaliações ou serem as próximas vítimas. Portanto, é necessário oferecer um ambiente de escuta que transmita confiança e que garanta que medidas serão tomadas sem que estes sofram retaliações.

2) Fazer registros:

Documente detalhadamente o que ocorreu, incluindo **data, local, nomes dos envolvidos e uma descrição** do que aconteceu. Esses registros são importantes para garantir que a situação seja tratada com seriedade e podem ser usados como base para ações posteriores e desdobramento dos casos em outras instâncias. No caso de agressores, é importante que essas informações estejam presentes também na ficha dos estudantes, pois é possível acessá-las em casos de manutenção do comportamento preconceituoso.

No anexo 1, fornecemos um modelo útil para registrar ocorrências de preconceito na escola.



3) Informar à gestão escolar:

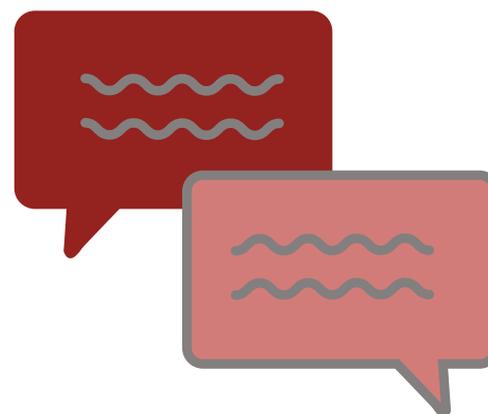
Leve o caso ao conhecimento da direção ou da coordenação da escola. A gestão escolar deve estar ciente do ocorrido para que possa tomar as medidas administrativas necessárias, garantindo que a situação seja abordada de forma **oficial e responsável**.

4) Conversar com pais ou responsáveis:

É importante também envolver os pais ou responsáveis dos alunos envolvidos. Um **diálogo com as famílias** pode ajudar a garantir que o problema seja compreendido e trabalhado em diferentes ambientes, incluindo escola e famílias. Todavia, antes de levar o caso para os pais ou responsáveis, é recomendado **contactar primeiramente a coordenação, ou outros setores pedagógicos** que possam dar segurança de como essa ação será recebida no contexto familiar afim de não gerar ainda mais riscos, problemas ou conflitos para a vítima.

5) Promover medidas educativas:

Junto com a gestão escolar, determine as medidas educativas apropriadas para quem praticou o preconceito. Essas medidas não podem ter um caráter apenas punitivista, pois, muitas vezes, a punição não leva o aluno a entender por qual motivo foi punido e qual a gravidade de suas ações. Inserir esses alunos em atividades educativas que promovam **reflexões sobre preconceito, diversidade e diferenças** pode ser mais positivo.



6) Realizar ações sobre diversidade e preconceito:

Além das ações imediatas, é fundamental promover discussões e reflexões sobre preconceito com toda a comunidade escolar. Organize **rodas de conversa, palestras ou atividades** que conscientizem sobre o impacto negativo do preconceito e incentivem o respeito à diversidade, principalmente entre os alunos.

7) Desenvolver projetos contínuos na escola:

Ações para lidar com o preconceito não devem ser realizadas apenas em momentos pontuais, quando ocorrem episódios de discriminação ou apenas em datas comemorativas. É muito importante que **projetos contínuos** possam ser desenvolvidos durante todo o ano e sejam incluídos no projeto político pedagógico da escola.

8) Criar uma agenda de reuniões e trabalho na escola:

É fundamental criar uma agenda de reuniões, grupos de trabalho e comissões entre os profissionais da escola para organizar o trabalho contínuo de controle e prevenção do preconceito, dos conflitos e das violências. Essa agenda de reuniões e de trabalho deve envolver a **colaboração de profissionais de outras áreas**, como psicólogos e assistentes sociais, que podem contribuir significativamente no enfrentamento das violências nas escolas. **Incluir estudantes** nessa agenda de trabalho, para que recebam informações e disseminem ideias, pode ajudar a tornar as ações ainda mais eficazes.



9) Acompanhar os alunos ao longo do tempo:

É importante continuar acompanhando os alunos envolvidos, mesmo **após a resolução** de uma situação específica de discriminação, e avaliar se os mesmos precisarão ser encaminhados para outros profissionais, como psicólogos clínicos. O **acompanhamento contínuo** demonstra aos estudantes que a escola se preocupa com o bem-estar de todos.

10) Buscar mais informações e apoio institucional:

Pode ser difícil lidar com o preconceito quando não nos sentimos preparados ou não sabemos a quem recorrer. Por isso, **buscar mais informações** sobre esse tema é um passo importante. Existem livros, cursos, podcasts e muitos outros conteúdos de livre acesso que podem nos ajudar nessa tarefa. Também é fundamental acionar a escola, a rede de ensino e a secretaria de educação para buscar **apoio institucional** e solicitar o fornecimento de formação continuada adequada para o combate dessa violência.



12. Como combater o classismo na escola: intervenções e indicações de materiais

Genograma de classe social

Tarefa em que os alunos podem conhecer a história de classe social de suas famílias e como o privilégio ou a opressão da classe social da sua família contribuiu para a sua posição na vida. A proposta ocorre com a investigação dos alunos em **diálogo com sua família** e construção de um material como uma árvore genealógica [37].

Integração de grupos

Propor atividades em sala e até mesmo entre classes que possam integrar os alunos com a formação de equipes de trabalho e atividades cooperativas. Sortear os participantes de cada grupo pode ser uma boa estratégia, porém, além disso, a proposta deve estar relacionada à **interdependência de grupos** [31].



Incorporar a temática em sala de aula

O assunto sobre classes sociais pode ser abordado em **diferentes disciplinas**, proporcionando a consciência de classe, tão relevante para o combate ao classismo, para além de abordar o tema do classismo em si. Por exemplo, em Matemática, é possível mostrar as desigualdades sociais por meio de percentuais e proporcionalidade; em História, como as leis e a forma de organização histórica do país contribui para a desigualdade; e, em Português, pode-se visitar obras que tratam sobre o tema e propor a escrita de redações sobre o assunto, além de seminários e trabalhos de pesquisa. A seguir, serão apresentados materiais de apoio que podem ser utilizados em sala de aula.

Utilizar materiais audiovisuais e literatura infantojuvenil

Outros materiais também podem servir de base de conhecimento e de recurso didático e pedagógico sobre o tema. Abaixo, sugerimos algumas literaturas e materiais audiovisuais que podem auxiliar professores, gestores, pais e outros profissionais no combate ao classismo na escola.

Filmes e Documentários



◆ À procura da felicidade (2006)

Dirigido por Gabriele Muccino, conta a história de Chris Gardner, um vendedor em dificuldades, que luta para sustentar seu filho após ser despejado. Ele consegue um estágio não remunerado em uma corretora e enfrenta desafios para alcançar estabilidade. Baseado em uma história real.

- Classificação Indicativa: 12 anos.

✦ **Aquarius (2016)**

Dirigido por Kleber Mendonça Filho, o filme acompanha Clara, uma jornalista aposentada que resiste à pressão de uma construtora para vender seu apartamento no Recife. Enquanto enfrenta intimidações, reflete sobre sua vida, memória e resistência. A trama aborda especulação imobiliária, identidade e empoderamento.

- Classificação Indicativa: 16 anos.

✦ **Cabeça de Nêgo (2020)**

Dirigido por Déo Cardoso, o filme acompanha Saulo, um estudante negro que enfrenta o racismo estrutural em sua escola e inicia um protesto após uma injustiça. Sua resistência inspira debates sobre desigualdade, educação e ativismo juvenil. A trama reflete questões sociais urgentes no Brasil.

- Classificação Indicativa: 14 anos.

✦ **Eu, Daniel Blake (2016)**

Dirigido por Ken Loach, o filme segue Daniel Blake, um carpinteiro idoso que, após um problema de saúde, enfrenta a burocracia do sistema de assistência social britânico. Enquanto luta por seus direitos, ele cria laços com uma mãe solteira em situação precária. A história critica as falhas do Estado e a desigualdade social.

- Classificação Indicativa: 14 anos.

✦ **Meu amigo Nietzsche (2013)**

Dirigido por Fáuston da Silva, o curta-metragem conta a história de Lucas, um menino de periferia que encontra um livro de Nietzsche no lixo. A leitura transforma sua visão de mundo, questionando a autoridade e a moral ao seu redor.

- Classificação Indicativa: 12 anos.

◆ **O Menino e o Mundo (2013)**

Dirigido por Alê Abreu, a animação acompanha um menino que sai em busca do pai e descobre um mundo marcado por desigualdade e exploração. Com um estilo visual único e sem diálogos, o filme critica a modernização e seus impactos sociais.

- Classificação Indicativa: Livre.

◆ **O Poço (2019)**

Dirigido por Galder Gaztelu-Urrutia, o filme se passa em uma prisão vertical onde os presos são alimentados por uma plataforma que desce pelos andares. À medida que a comida se esgota nos níveis inferiores, a luta pela sobrevivência expõe desigualdade e egoísmo.

- Classificação Indicativa: 18 anos.

◆ **Parasita (2019)**

Dirigido por Bong Joon-ho, Parasita acompanha a família Kim, que se infiltra na vida dos ricos Park, assumindo falsos papéis para melhorar sua situação. A história explora as desigualdades sociais e as tensões entre classes de forma surpreendente e satírica.

- Classificação Indicativa: 16 anos.

◆ **Que horas ela volta? (2015)**

Dirigido por Anna Muylaert, o filme segue Val, uma empregada doméstica que se muda para São Paulo com sua filha Jéssica e decide não se submeter às regras não-ditas da casa dos patrões. A trama aborda as desigualdades sociais e as relações de classe de forma sutil, com um olhar crítico sobre as hierarquias no Brasil.

- Classificação Indicativa: 14 anos.

◆ **Saneamento Básico, o filme (2007)**

Dirigido por Jorge Furtado, o filme conta a história de moradores de uma pequena cidade que, para evitar o fechamento de um posto de saúde, decidem produzir um filme sobre o saneamento básico local.

- Classificação Indicativa: 12 anos.

Livros



◆ **50 poemas de revolta**

Cunha, E. A. (Org.). (1973). 50 poemas de revolta – Vários autores. Editora Civilização Brasileira.

◆ **A hora da estrela**

Lispector, C. (1989). A hora da estrela. Editora Rocco.

◆ **A terra dá, a terra quer**

Bispo dos Santos, A. (2006). A terra dá, a terra quer. Editora Record.

◆ **Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento.**

Franco, B. (2018). Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento. Editora Pallas.

◆ **Capitães da Areia**

Amado, J. (1994). Capitães da areia. Editora Record.

◆ **O avesso da pele**

Tenório, J. (2020). O avesso da pele. Editora Record.

◆ **O Cortiço**

Azevedo, A. (2003). O cortiço. Editora Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1890).

◆ **O que são Classes Sociais?**

Equipo Plantel. (1979). O que são classes sociais? Editora Brasiliense.

◆ **O sol na cabeça.**

Martins, G. (2018). O sol na cabeça. Editora Intrínseca.

◆ **Olhos d'água.**

Evaristo, C. (2019). Olhos d'água. Editora Pallas.

◆ **Quarto de despejo: Diário de uma favelada.**

Jesus, C. M. de. (2003). Quarto de despejo: Diário de uma favelada. Editora Ática. (Originalmente publicado em 1960).

◆ **Torto Arado**

Vieira Junior, I. (2018). Torto arado. Editora Todavia.

◆ **Vidas Secas**

Ramos, G. (2001). Vidas secas. Editora Record. (Originalmente publicado em 1938).

Músicas



◆ **A casta – Dj Dolores**

◆ **A novidade – Gilberto Gil**

◆ **As vozes da cabeça – Matheus Fazendo Rock**

◆ **Brejo da cruz – Chico Buarque**

◆ **Cartão de visita – Criolo**

◆ **Chora doutor – Joyce Moreno**

- ◆ **Comportamento Geral – Gonzaguinha**
- ◆ **Direito de sambar – Batatinha**
- ◆ **Haiti- Caetano Veloso**
- ◆ **Meio dia – Mastruz com Leite**
- ◆ **Nomes de favela - Paulo César Pinheiro**
- ◆ **Ostentação à pobreza – Ricon Sapiência**
- ◆ **Pobreza por pobreza – Luiz Gonzaga**
- ◆ **Sou eu que vou trabalhar - Tulipa Ruiz**
- ◆ **Vida boa – Banda Eddie**
- ◆ **Xibom bombom - Canção de As Meninas**
- ◆ **Zé do Caroco - Leci Brandão**



13. Canais de denúncia

No Brasil, existem vários canais de denúncia para crimes que violam os direitos humanos, como é o caso do preconceito e das violências ligadas ao classismo. Aqui estão alguns:

Disque 190: Serviço da Polícia Militar para denúncias no ato em flagrante do crime.

Disque 181: Serviço da Polícia Civil. Através do 181 o crime é denunciado anonimamente.

Disque 100: Serviço da Secretaria de Direitos Humanos e da Cidadania, disponível 24 horas para receber denúncias de violação de direitos humanos.

Delegacias Especializadas: Muitas cidades têm delegacias especializadas em atender casos de crimes motivados por preconceito e violência. Caso tenha sido vítima ou presenciou uma discriminação, é importante procurar a delegacia mais próxima.

Ministério Público: O Ministério Público pode receber denúncias e investigar casos de discriminação e violência.

Centro de Referência de Direitos Humanos: Muitas cidades possuem Centros de Referência em Direitos Humanos que oferecem apoio e acolhimento, além de orientar sobre como proceder em casos de violência.

Organizações Não Governamentais (ONGs): Existem ONGs que atuam na defesa dos direitos da população negra e praticantes de religiões de matriz africana. Elas podem ser contatas e servir de apoio.

Denúncia Online: A "Delegacia Virtual", do Ministério da Justiça e Segurança Pública permite que as pessoas denunciem de forma online casos de violência ou discriminação.

14. Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola

RELATÓRIO PARA REGISTRO DE OCORRÊNCIAS DE PRECONCEITO NA ESCOLA
<p>Descrição: Este relatório tem como finalidade registrar ocorrências de preconceito e discriminação na escola. O documento serve como uma ferramenta de monitoramento dos preconceitos e pode ser atualizado conforme as medidas e as ações adotadas pela escola após essas ocorrências. O preenchimento deste relatório é importante para a construção de um panorama a respeito desses conflitos e pode ajudar a planejar estratégias para combater os preconceitos e promover uma cultura de respeito nas escolas.</p>
<p>DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE FOI VÍTIMA DE PRECONCEITO: Nome: _____ Turma/Série: _____ Idade: _____ Gênero: _____ Cor da pele: _____ Responsável: _____</p>
<p>DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE PRATICOU O PRECONCEITO: Nome: _____ Turma/Série: _____ Idade: _____ Gênero: _____ Cor da pele: _____ Responsável: _____</p>
<p>INFORMAÇÕES GERAIS DO OCORRIDO: Data: ___/___/_____ Local do ocorrido: _____ Tipo de violência: _____</p>
<p>DESCREVA ABAIXO A OCORRÊNCIA DA SITUAÇÃO (O que aconteceu? Como aconteceu? Quando aconteceu? Desde quando acontece? Com qual frequência? Quem são os envolvidos?):</p> <p>_____</p>

<p>DESCREVA AS AÇÕES IMEDIATAS TOMADAS PELA ESCOLA (Por exemplo: o que a escola fez após receber a denúncia? Houve encaminhamento para alguma outra instituição? Se sim, qual?)</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>DESCREVA AS AÇÕES FUTURAS ADOTADAS PARA O ACOMPANHAMENTO DO CASO:</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p style="text-align: center;">Carimbo da Instituição:</p> <div style="border: 1px solid black; width: 200px; height: 50px; margin: 0 auto;"></div> <p style="text-align: center;">_____</p> <p style="text-align: center;">Assinatura do(a) Redator(a)</p>

15: Referências:

Fotografia da capa: Tânia Rêgo. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/fotos>. Licença: Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil (CC BY 3.0 BR).

1. Accorssi, A., Scarparo, H., & Guareschi, P. (2012). A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social. *Psicologia & Sociedade*, 24, 536-546.
2. Allan, B. A., Garriott, P. O., Ko, S.-J. S., Sterling, H. M., & Case, A. S. (2021). Classism, work volition, life satisfaction, and academic satisfaction in college students: A longitudinal study. *Journal of Diversity in Higher Education*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/dhe0000221>
3. American Psychological Association. (2019). Guidelines for psychological practice for people with low income and economic marginalization. Retrieved from <http://www.apa.org/about/policy/guidelines-lowincome.pdf>
4. Araújo, M. C. M. (2009). *Gestão escolar*. Curitiba: Iesde.
5. Barbosa, V. N. M., & Ximenes, V. M. (2023). Implicações psicossociais da pobreza sob uma perspectiva da psicologia comunitária: Revisão narrativa. *Revista de Psicologia*, 14(1), 4.
6. Boff, R. A., & Cabral, S. M. (2023). Vulnerabilidade socioeconômica: desigualdade social, exclusão e pobreza no Brasil. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 13 (38), 71-88.
7. Bourdieu, P. (2014). *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Editora Vozes.
8. Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

10. Cavaliheri, K. E., & Wilcox, M. M. (2022). The compounded effects of classism and racism on mental health outcomes for African Americans. *Journal of Counseling Psychology*, 69(1), 111–120. <https://doi.org/10.1037/cou0000561>
11. Cavaliheri, K. E., Willyard, A., & Phillippi, J. C. (2023). The effects of different types of classism on psychological outcomes: Preliminary findings. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 45(3), 422-440.
12. Conselho Federal de Psicologia. (2022). Resolução CFP n. 23, de 2022. Aprova o Código de Ética dos Psicólogos. Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/>
13. Coimbra, C. M. B. (2001). Psicologia, direitos humanos e neoliberalismo. *Revista Psicologia Política*, 1(1), 139-148.
14. Cozzarelli, C., Wilkinson, A. V., & Tagler, M. J. (2001). Attitudes toward the poor and attributions for poverty. *Journal of Social Issues*, 57(2), 207–227. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00209>
15. Dias, A. C. G., Patias, N. D., & Abaid, J. L. W. (2014). Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18, 105-111.
16. Diniz, E., Castro, P., Bousfield, A., & Bernardes, S. F. (2020). Classism and dehumanization in status. *British Journal of Health Psychology*, 25(1), 152–170. <https://doi.org/10.1111/bjhp.12399>
17. Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
18. Garriott, P. O., Ko, S.-J. S., Grant, S. B., Jessen, M., & Allan, B. A. (2021). When race and class collide: Classism and social-emotional experiences of first-generation college students. *Journal of College Student Retention: Research, Theory, & Practice*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/1521025121995483>
19. Guzzo, R. S. L., Mezzalira, A. S. D. C., & Moreira, A. P. G. (2012). Psicólogo na rede pública de educação: embates dentro e fora da própria profissão. *Psicologia escolar e educacional*, 16, 329-338

20. Hooks, B. (1994). *Teaching to transgress: Education as the practice of freedom*. Routledge.
21. Jordan, J. A., Lawler, J. R., & Bosson, J. K. (2020). Ambivalent classism: The importance of assessing hostile and benevolent ideologies about poor people. *Basic and Applied Social Psychology*, 43(1), 46–67. <https://doi.org/10.1080/01973533.2020.1828084>
22. Krueger, A. B., & Lindahl, M. (2001). Education for growth: Why and for whom? *Journal of Economic Literature*, 39(4), 1101–1136.
23. Lima, G. J. S., & Lima, A. D. S. A. (2023). A criminalização da pobreza como forma de violência estrutural contra jovens na América Latina. *Revista Latino-Americana de Criminologia*, 3(1), 13-39.
24. Lima, F. A. (2016). *Territórios de vulnerabilidade social: construção metodológica e aplicação em Uberlândia-MG*.
25. Liu, W. (2001). Expanding our understanding of multiculturalism: Developing a social class worldview model. In *The intersection of race, class, and gender in counseling psychology* (pp. 127–170). Sage.
26. Liu, W. M. (2012). Developing a social class and classism consciousness. In E. M. Altmaire & J. C. Hansen (Eds.), *The Oxford handbook of counseling psychology* (pp. 326–345). <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195342314.013.012>
27. Liu, W. M., Ali, S. R., Soleck, G., Hopps, J., Dunston, K., & Pickett, T., Jr. (2004). Using social class in counseling psychology research. *Journal of Counseling Psychology*, 51(1), 3–18. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.51.1.3>
28. Lott, B. (2002). Cognitive and behavioral distancing from the poor. *American Psychologist*, 57(2), 100–110. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.57.2.100>
29. Mahoney, A. A. (2002). Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In V. S. Placco (Org.), *Psicologia & Educação: Revendo contribuições* (pp. 9–32). Educ. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100003>
30. Medeiros, I. L. P. D., & Luce, M. B. (2006). Gestão democrática na e da educação: concepções e vivências. In *Gestão escolar democrática: concepções e vivências* (pp. 15-25). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

31. Morales, P. (1999). Relação professor-aluno. Edições Loyola.
32. Moura Jr, J. F., & Sarriera, J. C. (2017). As relações entre pobreza e bem-estar: uma revisão sistemática. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(2), 100-125.
33. Moura Jr, J. F., & Sarriera, J. C. (2019). Impactos das diferentes formas de mensuração da pobreza nas variações do índice de bem-estar pessoal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3556.
34. Moura Jr, J. F., & Sarriera, J. C. (2020). Vergonha e humilhação relacionadas com a estigmatização da pobreza: Um estudo qualitativo. *Revista de Psicologia da IMED*, 12(2), 108-125.
35. Queiroz, L. D. (2002). Um estudo sobre a evasão escolar: Para se pensar a inclusão social. In 25ª Reunião Anual da Anped, Caxambu (Vol. 1, No. 1, pp. 01-10).
36. Schwartzman, S. (2009). *Diversidade na escola: Como lidar com as diferenças e promover a inclusão*. São Paulo, SP: Cortez
37. Shepard, D., Wheat, L. S., & Barrio Minton, C. A. (2022). Expanding the role of social class in multicultural counselor education curricula. *Journal of Counselor Preparation and Supervision*, 15(2). <https://digitalcommons.sacredheart.edu/jcps/vol15/iss2/2>
38. Werlang, R., & Mendes, J. M. R. (2013). Sofrimento social. *Serviço Social & Sociedade*, 743-768.



Observatório
Permanente dos
Preconceitos em
Escolas de
Sergipe

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe